



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Dissertação de Mestrado

Consumo continuado de canábis pelos olhos dos seus
consumidores

Rute Moreira da Silva Nº 24922

Orientadora de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA ANDREIA DE CASTRO RODRIGUES

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Forense

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da
Prof. Doutora Andreia de Castro Rodrigues,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade
Psicologia Forense

Agradecimentos

Ao longo deste último ano enfrentei vários desafios, uns mais fáceis e esperados e outros que vieram para mudar tudo mas consegui chegar ao resultado final e fazer esta dissertação graças à ajuda de algumas pessoas que nunca me deixaram desistir.

Queria primeiro agradecer imenso à minha orientadora a Prof. Doutora Andreia de Castro Rodrigues que me ajudou em todo este percurso, mesmo quando eu própria não via o fim e achava que não era capaz acreditou sempre e nunca me deixou desistir, mesmo quando achei que não seria possível ela ajudou-me a acrescentar “mais um grão de areia à praia do conhecimento”, não há palavras para agradecer todo o seu empenho, carinho e atenção. Muito obrigada por tudo.

Agradecer aos meus pais por me terem proporcionado a oportunidade de fazer algo que queria muito e por nunca terem saído do meu lado, um obrigada muito grande. Ao Pedro que fez parte deste percurso, que me incentivou, que acreditou em mim e que é tão, mas tão importante. Ao resto da família, tio, Camila, avó, tia que me acompanharam neste percurso e estiveram sempre lá muito obrigada.

Ao meu namorado por todas as vezes que me acalmou, por todos os momentos que acreditou em mim mais do que eu própria, por todas as vezes em que no meio do desespero quis congelar a matrícula e ele nunca deixou, muito obrigada!

Aos amigos que estiveram sempre lá ao longo deste último ano e de todos os outros para chegar aqui e que me apoiaram sempre, que celebraram comigo as vitórias e nunca me deixaram ir abaixo nas derrotas o meu muito obrigada. Em especial um obrigada muito grande à minha “Bri” por ter estado sempre lá, por termos desesperado juntas mas vencido juntas! À Márcia e à sua incrível capacidade de organizar as minhas ideias quando nem eu as percebo, de não me deixar desistir e por vezes ter mesmo de me “dar nas orelhas”, o meu obrigada por tudo! À Francisca por mesmo mais longe ter feito parte deste percurso desde o início, obrigada!

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo conhecer as crenças que os consumidores de canábis de longa data têm face à mesma (canábis) e ao seu consumo. Para tal foi constituído um grupo de participantes com dez pessoas, da área da Grande Lisboa e do Grande Porto com idades compreendidas entre os 20 e os 66 anos.

Como forma de melhor conhecer a perspetiva dos sujeitos, foi realizada uma entrevista semiestruturada que foi posteriormente analisada à luz da análise de conteúdo através de um procedimento categorial.

Da análise dos resultados foi possível perceber, entre outras coisas, que uma grande maioria dos participantes considera a canábis como uma das drogas mais “leves” e por esse mesmo motivo consideram os seus consumos como não problemáticos uma vez que os consideram compatíveis com as suas funções de dia-a-dia. É ainda de salientar que apesar da evolução feita nos últimos anos no sentido de compreender os consumos de forma não patológica e do aumento significativo do consumo desta substância todos os participantes referiram sentir algum tipo de discriminação, sobretudo da parte da família.

Palavras-chave: canábis; consumidores; crenças.

Abstract

The main purpose of this study is to find out the beliefs that consumers of cannabis and its consumption. In order to better understand the perspective of these people, we used a sample of ten people from the Greater Lisbon and Greater Porto areas, aged between 20 and 66 years old.

In order to better understand the perspective of the subjects, a semi-structured interview which was subsequently analysed in the light of content analysis through a categorical procedure.

From the analysis of the results it was possible to perceive, among other things, that a large majority of the participants considers cannabis as one of the "softest" drugs and for this reason, they consider their consumption as unproblematic, since they consider it to be compatible. It is also worth noting that despite the fact that the majority of participants consider cannabis to be one of the "lighter" drugs. It is also noteworthy that despite the evolution made in recent years in the sense of understanding consumption in a non-pathological way and the the significant increase in the consumption of this substance, all the participants reported feeling some kind of discrimination, especially from the family.

Keywords: cannabis; consumers; beliefs.

Índice

Agradecimentos	II
Introdução	7
Estado do país em Matéria de Toxicodependência	7
Consumos.....	8
Significados Associados ao Consumo.....	9
Evolução Histórica do Olhar sobre os Consumos	11
Prevenção de Consumos Problemáticos	12
Descriminalização das drogas em Portugal.....	13
Pertinência da Investigação.....	15
Objetivos de Investigação	15
Método.....	17
Participantes.....	17
Instrumentos.....	17
Procedimento de recolha e análise de dados.....	17
Resultados.....	19
Análise Quantitativa	19
Crenças Relativas ao Consumo no Geral	20
Crenças Relativas à Canábis em Particular	20
Início do Consumo.....	21
Hábitos de Consumo	22
Qualificação do Consumo.....	22
Interferência Presente.....	24
Interferência Futura	25
Reação dos Outros.....	26
Visão do Próprio.....	28
Legalização dos Consumos	29
Discussão	31
Referências Bibliográficas	37

Introdução

Nos últimos anos o consumo de canábis tem vindo a aumentar não só em Portugal como também no resto da Europa, no entanto, e apesar de já existirem estudos na área, a sua grande maioria foca-se essencialmente no consumo de substâncias psicotrópicas, em específico canábis como uma patologia, pondo de parte os consumidores “socialmente competentes”, apesar de hoje já existirem estudos que indicam que de facto existem consumidores não problemáticos de canábis que conciliam os seus consumos com as suas responsabilidades diárias (Coelho, 2019; Cruz, Machado & Fernandes, 2010; Hughes & Stevens, 2010; SICAD, 2018;).

Desta forma, e como o consumo de canábis pode ser considerado uma ação humana complexa, é pertinente estudá-lo à luz dos significados que os próprios consumidores atribuem ao fenómeno através de um método qualitativo que permita analisar as narrativas dos consumidores (Fonte & Manita, 2003). Assim sendo ao longo deste estudo propomo-nos a conhecer as crenças que os consumidores de canábis de longa data têm face à substância psicotrópica (canábis) e ao seu consumo, recorrendo para tal a uma metodologia qualitativa.

Estado do país em Matéria de Toxicodependência

Segundo o Relatório Anual de 2018 referente à Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências apesar de Portugal se manter abaixo dos valores médios europeus no que ao consumo de droga diz respeito, o consumo de canábis tem vindo a aumentar nos últimos anos, sendo uma das três substâncias ilícitas mais consumidas sobretudo entre os quinze e os trinta e quatro anos seguido da cocaína e do ecstasy. Segundo o mesmo relatório, no Inquérito Anual aos Jovens participantes no Dia da Defesa Nacional, 36% dos inquiridos revelam a prevalência do consumo de qualquer droga ao longo da vida e 27% dos consumidores afirmava consumos diários ou quase diários de canábis. O mesmo relatório indica ainda que o consumo é mais prevalente entre o sexo masculino, em cerca de 14% ao longo da vida, 7% nos últimos doze meses e 5% nos últimos trinta dias. Ainda segundo o mesmo relatório no IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral em 2016/17, realizado a cidadãos residentes em Portugal e com idades compreendidas entre os quinze e os setenta e quatro anos, 64% dos consumidores afirmaram ter consumido canábis quatro ou mais vezes por semana nos últimos doze meses e 55% dos consumidores afirmaram ter consumido canábis todos os dias nos últimos doze meses. O mesmo relatório aponta ainda para um aumento do consumo problemático e/ou de alto risco de canábis tendo por base indicadores como a frequência do consumo e a dependência da substância.

Consumos

Quando se abordam os consumos de substâncias psicotrópicas de um ponto de vista científico devemos começar por diferenciar que os consumos podem assumir naturezas muito distintas, com impactos muito diferentes. Assim, desde logo importa distinguir conceitos e, neste sentido, definir consumo problemático. Este tipo de consumo deve ser entendido como qualquer consumo que interfere com as responsabilidades sociais do sujeito, estando frequentemente ligado a um consumo regular. Por outro lado, o consumo não problemático está associado a um consumo em que o sujeito “controla” o uso da substância não permitindo que esta tenha um papel central na sua vida, podendo ou não ter associado um consumo regular (Ribeiro, 2019). Na população em geral, o aumento da frequência de consumo nem sempre está associada por parte dos consumidores a um aumento do risco, ou seja, a maioria dos consumidores não reconhece risco físico e mental num consumo regular de substâncias psicotrópicas (SICAD, 2018). Estas informações vão ao encontro dos estudos nacionais realizados na área que apontam a canábis e a cocaína como as duas drogas mais consumidas em Portugal (SICAD, 2018).

O aumento do consumo de canábis descrito pelo Relatório Anual de 2018 referente à Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependência pode ser explicado em certa medida pelas atribuições que os consumidores fazem aos seus próprios consumos e às drogas no geral. Segundo Cruz, Machado & Fernandes (2010) os consumidores de canábis têm tendência para considerar a canábis como menos nociva e compatível com as suas responsabilidades do dia-a-dia tais como trabalhar ou estudar, enquanto outras drogas como a heroína são vistas como mais perigosas só devendo ser consumidas esporadicamente e em determinados contextos tais como festas. Os consumos de canábis são inclusivamente percecionados como de baixo risco, quer pelos consumidores, quer pela população em geral dando origem a que a substância tenha sido gradualmente aceite na sociedade portuguesa (Leite, 2015).

Um estudo de Cruz, Machado & Fernandes (2010) revela ainda que, muitas vezes de forma inconsciente, os consumidores regulares de canábis usam mecanismos de autorregulação de forma a poder conciliar os mesmos com as suas responsabilidades diárias. Esta autorregulação e minimização de danos é perceptível através da maneira como os sujeitos com consumos, considerados não problemáticos, conseguem compreender quando os seus consumos começam a interferir com o seu dia-a-dia sem ajuda externa regulando-os no sentido de deixarem de interferir nas suas responsabilidades diárias (Pires, 2019). Esta regulação é feita

através de mecanismos que visam controlar a quantidade, por exemplo estipulando uma quantidade máxima diária de consumo; a frequência, por exemplo preferindo consumir apenas ao fim de semana para que os consumos não colidam com a vida laboral; o seu estado emocional, preferido evitar ou anular consumos em momentos de maior stress ou sentimentos negativos; e a qualidade, preferindo consumir uma versão herbácea da canábida, vulgarmente conhecido por “consumo de erva” em detrimento de outras versões de canábida consideradas mais tóxicas (Pires, 2019). Segundo a mesma autora estas estratégias espelham a capacidade que os consumidores demonstram de adaptar os consumos aos vários domínios da sua vida.

No entanto, os consumidores de canábida embora não considerem esta tão perigosa como outras substâncias, chegando a garantir não existir uma dependência física da substância, reconhecem, em alguns casos, uma dependência psicológica que pode levar a um ciclo de consumos problemáticos (Ribeiro, 2019). Esta dependência psicológica passa, por vezes, despercebida durante muito tempo devido à forma rotineira com que o consumo de canábida está inserido na vida de quem consome, fazendo parte das rotinas mais simples como o deitar ou o levantar, bem como a realização de algumas tarefas consideradas mais penosas sem o consumo de canábida (Bernardo & Carvalho, 2012). Segundo um estudo de Bernardo & Carvalho (2012) cujo objetivo era compreender qual o significado que jovens consumidores atribuem aos seus consumos esta substância psicotrópica é vista pelos seus consumidores como um “calmante” que ajuda em momentos de inspiração ou de uma forma mais “terapêutica” chegando os sujeitos a referir que “há uma falta muito grande de alguma coisa (...) que isto [o haxixe] está a suprir de alguma forma”.

Só a longo prazo os consumidores descrevem problemas associados ao consumo desta substância psicotrópica, sobretudo nas áreas da memória e da concentração alegando perdas em ambas, no entanto regra geral, a noção destas perdas não se traduz no abrandar do consumo (Bernardo & Carvalho, 2012). É, no entanto, de referir que a longo prazo a maioria das pessoas já relata perdas de memória e concentração típicas de um envelhecimento normativo.

Significados Associados ao Consumo

No que diz respeito à canábida são vários os contextos e motivações dos seus utilizadores que embora consumam a mesma substância psicotrópica têm subjacente à sua preferência uma multiplicidade de fatores nem sempre identificados e que são parte integrante da caracterização dos sujeitos, uma vez que, a “escolha de determinada droga parte, em primeiro lugar, do

significado que o próprio sujeito lhe atribui e da dimensão que este sujeito procura alcançar ao consumir” (Bernardo & Carvalho, 2012).

Segundo Cruz, Machado e Fernandes (2010) num estudo levado a cabo com o objetivo de criar um modelo teórico que permita perceber e explicar de que maneira é que certos consumidores de drogas ilícitas conseguem manter os seus consumos não problemáticos, o prazer, a curiosidade ou o grupo de pares são apontados como tendo um papel importante no início ou manutenção dos consumos, estando os dois últimos mais associados ao início e o primeiro à manutenção dos mesmos. Ainda segundo os mesmos autores o prazer no consumo de drogas é descrito pelos consumidores como um dos aspetos mais valorizados no consumo. A aprendizagem social do consumo feita através do grupo de pares também é descrita como tendo um papel importante no início do consumo, servindo por exemplo, de “guia” para o consumo ou não de determinada substância (Cruz, Machado & Fernandes, 2010).

Sendo a aprendizagem social apontada como um fator importante para o início do consumo, podemos inferir que o grupo de pares tem um papel importante no início e/ou manutenção dos consumos, assim sendo é na adolescência, altura em que o grupo de pares tem um papel determinante, que a maioria dos consumos se inicia (Lança, 2017). Regra geral fruto da procura de novas sensações característica desta fase da vida, bem como da tentativa de ingresso em determinado grupo de pares que lhes permita “sentirem-se compreendidos (...) e afastarem-se das rotinas impostas pela vida quotidiana” (Pires, 2019). Tendo isto em conta é preciso referir que os padrões de consumo não são estanques sofrendo alterações ao longo da vida do sujeito e atingindo, geralmente, o pico no início da idade adulta (Lança, 2017). Efetivamente, esta é a altura em que se começa a ter determinadas responsabilidades e em que socialmente este tipo de comportamento considerado desviante deixa de ser reforçado pela sociedade no geral (Moffitt & Caspi, 2001). Devido a isto, estudos apontam que alguns consumidores regulares que se consideram não problemáticos preferem, no entanto, esconder os seus consumos da sociedade tendo cuidado quer na compra quer no consumo das substâncias de forma a evitar problemas legais, mas também a evitar o estigma social que creem continuar subjacente aos seus consumos (Cruz, Machado & Fernandes, 2010).

Por outro lado, o prazer é considerado o principal responsável pela manutenção dos consumos uma vez que, a grande maioria dos consumidores descreve sentimentos de calma, alegria, relaxamento e inclusive de maior concentração em determinada tarefa ou a capacidade de executar variadas tarefas em simultâneo atribuindo na grande maioria significados positivos

ao consumo (Pires, 2019). Segundo a mesma autora são precisamente estes significados positivos que originam padrões de consumo mais regulares.

Os consumidores relatam ainda alterações na perceção de si próprios tais como um aumento da positividade, fruto dos sentimentos de calma associados ao consumo, uma melhor comunicação com o outro, sentindo que é mais fácil expressarem-se aquando dos consumos, e uma melhor aceitação do outro, relatando diminuição do preconceito em geral e do preconceito relativamente a outros consumidores em particular (Pires, 2019).

Evolução Histórica do Olhar sobre os Consumos

Em Portugal sobretudo nos anos 80 e 90, o consumo de heroína cresceu de forma exponencial trazendo para o cenário urbano a imagem degradada do seu consumidor, vulgarmente conhecido como *junkie*, que teria um comportamento desviante, um ar descuidado e um corpo a deteriorar-se sendo esta a representação que durante muitos anos a população em geral teve do consumidor de drogas (Leite, 2015). Nesta altura começa a surgir um enorme alarido social em torno do fenómeno de consumo de estupefacientes que supostamente corromperia os jovens (Pires, 2019). O problema da droga torna-se um problema social, que origina insegurança fruto do aumento da criminalidade sobretudo nos arredores das grandes cidades para onde se desloca este “mercado” clandestino (Quintas, 1997).

É nesta altura que começam a surgir esforços para o controlo e repressão deste tipo de consumo, sobretudo o consumo de heroína, que estaria fora de controlo e levou à morte de dezenas de pessoas (Leite, 2015). Surge assim o proibicionismo, não só nos meios de comunicação social, mas também como um consenso entre especialistas de diversas áreas, dando origem a uma multiplicidade de leis de combate às drogas (Quintas, 1997). Assim as primeiras intervenções são vistas numa perspetiva médico-psicológica em que o técnico é visto como o detentor de todo o conhecimento sobre a problemática do consumidor e este é visto e tratado como se de qualquer outro paciente com doença mental se tratasse (Fernandes, 2009). A maneira como estes consumidores são tratados é influenciada pela maneira como são vistos quer pela população em geral quer pela comunidade científica em particular (Leite, 2015).

Este tipo de abordagem não surte o efeito pretendido tendo um nível de sucesso muito abaixo de outros tratamentos de doentes mentais (Fernandes, 2009). Devido a uma ideia proibicionista, a ciência parece não ter acompanhado o ritmo da escalada das drogas, dificultando uma abordagem terapêutica eficaz neste tipo de caso (Leite, 2015). Este facto leva a um repensar dos consumos e dos consumidores dando origem, a partir dos anos 2000 a uma

abordagem em que os consumidores são vistos como “atores sociais uma espécie de sociólogos em estado prático, para efeitos do conhecimento da vida social.” (Fernandes, 2009), desta forma os consumidores passam a ser ouvidos ganhando um lugar de destaque no seu próprio tratamento (Fernandes, 2009).

Desde aí muita coisa mudou no panorama da droga em Portugal, no entanto, e apesar de alguns estudos apontarem no sentido da existência de consumidores funcionais, ou seja não problemáticos, uma grande maioria dos estudos continua a focar-se no consumo problemático e/ou patológico vindo de parte os consumidores “socialmente competentes” apesar de haver estudos que indicam que a existência de alguns comportamentos desviantes em determinado indivíduo, de que é exemplo a utilização de drogas, não é necessariamente patológico (Cruz, Machado & Fernandes, 2010). A literatura caracteriza-se, no entanto, por alguma falta de consenso a este respeito, continuando a ser vários os estudos que referem que o consumo de canábis está associado a alguns problemas de saúde tanto física como mental, tais como problemas pulmonares e cardíacos bem como a depressão ou o suicídio (Lança, 2017). O consumo de canábis pode também estar relacionado com uma série de problemas comportamentais e de adaptação social, abandono escolar e dependência de outras substâncias consideradas licitas como o álcool ou o tabaco (Lança, 2017). Existem inclusive estudos que relacionam o consumo de canábis com o desenvolvimento de psicoses e perturbação esquizofrénica não responsabilizando o consumo como fator principal, mas relacionando-o como um fator de risco quando associado a outros fatores genéticos e sociais (Barrona, 2017). O mesmo estudo indica ainda a possibilidade, a curto-prazo, de perturbações cognitivas, emocionais, de perceção e do comportamento. Segundo outro estudo que teve como objetivo identificar de que maneira o nível de *craving* ou seja, o “desejo ou impulso intenso associado aos efeitos associados ao consumo regular e prolongado no tempo.” (Vasconcelos-Raposo et al.,2018) se relaciona com construtos como a ansiedade, depressão e stress, o consumo de canábis aparece associado a níveis de stress e ansiedade mais elevados, bem como depressão (Vasconcelos-Raposo et al.,2018). No entanto, e ao contrário do mencionado nesses estudos, não parecem até ao momento existir evidências de impactos negativos na saúde pública derivado do consumo de canábis (Leite, 2015).

Prevenção de Consumos Problemáticos

Hoje sabemos e são também vários os consumidores que afirmam que as políticas proibicionistas não funcionam, tendo inclusive o efeito contrário ao pretendido, levando cada vez mais jovens a ter curiosidade e a procurar experimentar (Ribeiro, 2019). Segundo um estudo

levado a cabo pelo mesmo autor no qual se pretende perceber as percepções dos jovens acerca do consumo, dos consumidores e da própria substância (neste caso a canábis) alguns consumidores referem que as políticas proibicionistas diminuem a informação e conseqüentemente expõem os novos consumidores a maiores riscos. Para além disto, as políticas proibicionistas fomentam um mercado negro não regulamentado que expõe todos os consumidores a riscos relacionados com a flutuação do “produto” existente no mercado bem como problemas de adulteração e/ou sobredosagem, sobretudo tendo em conta a crescente procura por este tipo de substâncias que aumenta conseqüentemente a oferta (Aguiar, 2020).

Segundo Ribeiro (2019) a melhor forma de combater esta situação não será então o proibicionismo, mas sim a prevenção, uma prevenção que procura informar os jovens dos riscos e conseqüências permitindo desta forma uma decisão informada e consciente relativamente aos seus consumos. Um estudo realizado pelo mesmo autor demonstra que os próprios consumidores de canábis consideram a prevenção como algo extremamente importante que deve ser realizado não apenas com jovens, mas também com os adultos que lidam com eles, tais como pais ou professores através, por exemplo, de prevenção nas escolas. Revelando que eles próprios sentem não ter tido uma verdadeira escolha consciente, mas sim uma escolha motivada pela curiosidade e pelo grupo de pares com o qual se relacionavam na adolescência (Ribeiro, 2019).

No entanto, em Portugal tem-se assistido a alguns programas preventivos com baixa eficácia, quer seja por ausência de modelo teórico subjacente, deficiente formação dos técnicos, diminuto ou inexistente traçar de objetivos, entre outros (Negreiros, 2000). Bem como ações de prevenção meramente pontuais, frequentemente realizadas nas escolas, mas em que o objetivo central é o fornecimento de informação geral sobre as drogas e estratégias que visam criar medo através da visualização de imagens que evidenciam o resultado da deterioração física causada pelo consumo prolongado de estupefacientes (Negreiros, 2000).

Descriminalização das drogas em Portugal

Primeiramente é essencial fazer uma clara distinção de conceitos entre os conceitos legalizar, despenalizar e descriminalizar. O termo legalizar refere-se ao ato de tornar legal determinado comportamento numa sociedade, removendo para tal qualquer sanção (administrativa ou criminal) previamente existente. Por sua vez, o termo despenalizar diz respeito ao ato de não penalizar criminalmente um indivíduo por determinado comportamento considerado ilícito. Já o termo descriminalizar refere-se ao ato de retirar uma sanção criminal a

determinado comportamento podendo ou não a substituir por uma sanção administrativa (Hughes & Stevens, 2010).

Desde o ano 2000 que o uso de drogas foi despenalizado em Portugal, ou seja, desde novembro de 2000 que o consumo de drogas em Portugal deixou de ser penalizado criminalmente para passar a ser um ato ilícito com sanção administrativa, mantendo-se apenas como prática de crime o cultivo e tráfico de substâncias psicotrópicas (Coelho, 2019). Desta forma Portugal tornou-se pioneiro na União Europeia como um dos poucos países a descriminalizar e despenalizar o consumo de drogas (Coelho, 2019).

É ainda importante salientar que ao contrário de outros países onde a despenalização das drogas começou a ser discutida à medida que o consumo de canábis foi estando mais presente entre a sociedade, em Portugal a despenalização começou a ser discutida como uma forma de poder ajudar os consumidores de alto risco (como por exemplo consumidores de heroína) a verem-se livres do estigma associado aos seus consumos, bem como uma forma de diminuir a exclusão social sentida por estes sujeitos (Rêgo, Oliveira, Lameira & Cruz, 2021).

A descriminalização veio acompanhada de uma política mais compreensiva que visa a educação da população para os perigos do consumo e o encaminhamento dos consumidores para tratamento em detrimento da sua penalização/criminalização (Hughes & Stevens, 2010).

Segundo Hughes e Stevens (2010) após a aplicação das novas medidas em Portugal num espaço de três anos, entre 2003 e 2006, o número de processos administrativos finalizados instaurados a consumidores de estupefacientes diminuiu de 75% para 48%. Paralelamente o consumo de drogas, em particular a canábis, aumentou desde a sua despenalização, no entanto o consumo problemático de drogas, em especial o consumo intravenoso, tem vindo a diminuir. O que revela que a despenalização não originou um problema de saúde pública, antes pelo contrário. Também é importante referir que o consumo de canábis tem crescido em toda a Europa e não apenas em Portugal, um dos motivos apontados para este fenómeno é a redução do estigma associado ao consumo de drogas, em especial o consumo de canábis (Hughes & Stevens, 2010).

No entanto em 2008 uma decisão do Supremo Tribunal de Justiça, trouxe uma nova alteração na lei de despenalização portuguesa. A partir desse ano a posse de droga voltou a ser crime quando a quantidade possuída excedesse a quantidade individual permitida para dez dias (Rêgo et al., 2021). A partir desta decisão que foi considerada por alguns como um retrocesso

na lei e ainda uma lei “anti-lei” o proibicionismo tem vindo a aumentar novamente em Portugal tendo originado entre 2010 e 2019 um aumento do número de condenações por posse de droga, inclusive com pena de prisão efetiva, enquanto as condenações por tráfico têm vindo a diminuir (Rêgo et al., 2021).

Assim têm vindo a surgir várias questões sobre a ambiguidade presente na política de drogas existente em Portugal que parece estar dividida entre o apoio aos consumidores e uma tendência cada vez mais punitiva sobre os mesmos. Apesar de todas as mudanças que ocorreram nas últimas décadas, parece ainda não ter sido possível em alguns contextos desassociar os consumidores de ideias como a criminalidade ou a patologia (Rêgo et al., 2021).

Pertinência da Investigação

Para conhecer a realidade de consumo de determinada substância não basta uma análise patológica dos sujeitos, mas sim a procura da compreensão das “motivações, os propósitos, os riscos, as tendências que enquadram e explicam esses consumos” (Calado, 2007).

Ao longo dos anos o SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências) tem elaborado relatórios anuais que têm vindo a demonstrar o aumento do consumo de canábis em Portugal há já vários anos o que reflete a necessidade de estudar o fenómeno.

Tendo em conta que um dos motivos que pode justificar o insucesso de alguns programas de prevenção é a utilização de modelos teóricos pouco elaborados, ou mesmo modelos não teóricos (Negreiros, 2000) é fundamental destacar a importância que os sentidos e significados que os sujeitos atribuem aos seus comportamentos têm nesses mesmos comportamentos (Fonte & Manita, 2003). Desta forma o conhecimento destes significados contribui para uma compreensão mais profunda do consumo de substâncias psicotrópicas enquanto fenómeno, uma vez que os sujeitos tendem a agir com base nos significados que constroem (Fonte & Manita, 2003). No que diz respeito a ações humanas complexas, na qual o consumo de substâncias psicotrópicas se insere, é essencial aceder aos significados através de um processo narrativo dando por isso especial destaque a uma metodologia qualitativa como forma de perceber melhor o fenómeno (Fonte & Manita, 2003).

Objetivos de Investigação

A investigação nesta área não é inédita, no entanto, apesar de existirem vários estudos sobre os significados atribuídos ao consumo de canábis, são regra geral, circunscritos a

determinada zonas territoriais tais como os trabalhos de Aguiar (2020) ou de Pires (2019) que são restringidos à zona do Grande Porto e de Viseu respetivamente. Ou então são com populações muito específicas, na sua maioria estudantes universitários, de que são exemplo os trabalhos de Aguiar (2020), Manita (2003) e Ribeiro (2019).

No presente trabalho, pretendemos aumentar o conhecimento nesta área, na medida em que nos propomos a analisar os significados atribuídos ao consumo de canábis num grupo distinto dos grupos destes estudos anteriores, designadamente, em sujeitos residentes nas áreas da Grande Lisboa (algo não realizado anteriormente) e do Grande Porto, com mais de 20 anos que sejam trabalhadores e não estudantes e com padrões de consumo mais continuados.

Tendo em conta o exposto anteriormente esta investigação tem por objetivo conhecer as crenças que os consumidores de canábis de longa data têm face à substância psicotrópica (canábis) e ao seu consumo, utilizando para tal uma metodologia qualitativa com design descritivo, com recurso a uma entrevista semiestruturada.

Método

Participantes

Nesta investigação os participantes foram selecionados através de uma amostragem intencional por conveniência do tipo *snowball* (bola de neve) (Ribeiro, 2019). Ou seja, os participantes foram selecionados com base em critérios de inclusão previamente estabelecidos, através da rede de contactos informais da equipa, usando um método em cadeia em que um grupo previamente selecionado de indivíduos vai indicando outros participantes que cumpram os critérios estabelecidos e assim sucessivamente (Ribeiro, 2019).

Os critérios de inclusão pré-estabelecidos para a seleção de participantes foram:

- Ter idade superior a 20 anos
- Residir na área da Grande Lisboa ou do Grande Porto
- Trabalhar ou estar à procura de trabalho
- Ausência de psicopatologia

O grupo de participantes foi constituído por 10 participantes com idades compreendidas entre os 20 e os 66 anos ($M=30$), sendo 7 do sexo masculino e os restantes do sexo feminino. Os participantes têm todos um nível de escolaridade igual ou superior ao nono ano. Havendo apenas um participante com formação universitária (mestrado em psicologia clínica). Quanto à sua profissão atual, encontram-se a maioria empregados (seis participantes), sobretudo em áreas de atendimento ao público. Apenas um dos participantes já se encontra reformado.

Instrumentos

Nesta investigação o instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada construída para o efeito (anexo I), desenvolvida com o intuito de conseguir aceder aos significados atribuídos pelos participantes ao seu próprio consumo de canábis.

Procedimento de recolha e análise de dados

Todas as entrevistas foram realizadas com recurso à plataforma digital (Zoom), permitindo desta forma garantir uma maior segurança para todos os intervenientes e permitindo ainda entrevistar pessoas geograficamente afastadas de uma forma mais simples. Foi solicitado aos participantes que, sempre que possível, nas suas residências procurassem um local calmo e longe de distrações. É de salientar que este trabalho de investigação foi submetido à Comissão de Ética do ISPA-IU tendo obtido parecer positivo da mesma.

Todos os participantes assinaram o consentimento informado (anexo II), ou deram o seu consentimento de forma verbal (ficando registado em formato áudio) à priori, bem como esclareceram dúvidas relativamente à privacidade e confidencialidade que lhes são garantidas. As entrevistas tiveram uma duração média aproximada de 20 minutos.

Após a recolha dos dados todas as entrevistas foram transcritas na íntegra (*verbatim*) para um documento word permitindo desta forma uma melhor visualização e análise dos dados. Aquando da transcrição, a identidade dos participantes foi codificada mantendo-se apenas as iniciais dos seus nomes.

Para o tratamento dos dados o método escolhido foi a análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um tipo de análise que permite “descrever e interpretar o conteúdo verbal, acedendo às representações do indivíduo acerca da realidade, possibilitando e facilitando assim a compreensão dos significados que os atores sociais constroem e veiculam no seu discurso” (Ribeiro, 2019). O procedimento de análise de conteúdo escolhido foi a análise categorial. Assim, segundo Bardin (1994) a análise categorial é um tipo de procedimento que permite distribuir por categorias as narrativas, de forma a classificar os elementos significativos das mesmas.

Tendo isto em conta, e de forma a fazer o tratamento dos dados, estes foram agrupados por categorias numa tabela (anexo III). As categorias da tabela emergiram, na sua grande maioria, das narrativas dos participantes, no entanto algumas já estavam previamente estabelecidas, podendo desta forma dizer-se que se procedeu a um processo de análise categorial misto.

As categorias foram definidas tendo em conta quatro critérios específicos: homogeneidade, ou seja, foram criadas de forma a não existirem dúvidas na hora de atribuição a cada categoria; exclusividade, garantindo que nenhum elemento do texto pode ser atribuído em simultâneo a duas categorias distintas; objetividade, podendo assim garantir que várias codificações dão origem aos mesmos resultados, validando desta forma a adequação das categorias ao objetivo da investigação e, por último, exaustividade, de forma a que nenhuma parte do texto fique por categorizar (Bardin, 1994).

Resultados

Análise Quantitativa

Como forma de melhor entender a dimensão dos dados fornecidos pelos participantes abaixo segue a tabela com o total de unidades de registo (ur) por categoria, sendo que se deve considerar como uma unidade de registo cada palavra. Desta forma é possível ter uma visão geral dos resultados.

Tal como é visível na tabela 1, a categoria mais explorada pelos participantes foi a categoria “Visão do Próprio” e a categoria menos explorada foi a categoria “Crenças Relativas à Canábis em Particular”. É ainda de salientar que tal como é expectável as categorias que surgem por último têm mais unidades de registo uma vez que ao longo da entrevista os participantes têm tendência a irem progressivamente explorando mais as perguntas.

Tabela 1

Total de Unidades de Registo por Categoria

Objetivos	Categorias	Frequência das unidades de Registo
Conhecer as Crenças Relativas ao Consumo	Crenças Relativas ao Consumo no Geral	693 ur
	Crenças Relativas à Canábis em Particular	678 ur
Conhecer os Padrões de Consumo	Início do Consumo	1940 ur
	Hábitos de Consumo	1420 ur
	Qualificação do Consumo	886 ur
Perceção da Interferência na Vida de Quem Consome	Interferência Presente	2901 ur
	Interferência Futura	1102 ur
	Reação dos Outros	1247 ur
Perceber o Impacto Social dos Consumos	Visão do Próprio	4711 ur
	Legalização do Consumo	897 ur

Crenças Relativas ao Consumo no Geral

Esta categoria tem por objetivo conhecer a perspetiva dos consumidores de canábis sobre os consumos de todos os tipos de drogas.

Embora todos os participantes associem a canábis a uma droga, uma grande maioria faz uma divisão clara entre drogas “leves” e drogas “pesadas” tendo opiniões distintas, sendo, na sua grande maioria (601 ur) (n = 9) mais negativa a opinião face a outras drogas.

Ahh depende do consumo de drogas de quais sejam as drogas aaa tenho a divisão entre as drogas leves como o canábis e o haxixe, como tenho depois a divisão pra as drogas pesadas que não concordo tanto como cocaína, md's, heroínas e essas coisas assim.

É assim depende se não forem drogas pesadas eu não acho que tenha problema, por exemplo eu fumo para me relaxar um bocadinho ...

...por mim podia acabar heroínas podia acabar cocaína, podia ecstasy podia acabar tudo (...) as pessoas começam depois ficam chonés com tanta coisa má nem imaginas eu sou contra essas drogas.

Apenas um participante equiparou todos os tipos de droga, enquadrando o seu consumo como uma liberdade individual.

Ahh acho que é uma opção individual... gosto do sistema que temos cá em Portugal... de ser tudo descriminalizado porque sinceramente... não acho que deva haver legislação a interferir... no que cada um faz com a sua vida...

Crenças Relativas à Canábis em Particular

Nesta categoria o objetivo é conhecer as crenças que os participantes têm sobre o consumo específico de canábis.

A canábis é apontada por todos os participantes como a droga mais “leve”.

Opá a minha opinião acho é uma acho que a canábis é uma coisa natural as pessoas fuma se quiserem se não quiserem não fumam ...

É a mesma opinião a canábis provavelmente até com com menos travões diria porque é das drogas mais leves.

É também apresentada por quase todos os participantes (647 ur) (n = 9) como sendo uma droga não problemática, sendo que um dos participantes chega mesmo a referir que se trata de uma droga de impacto social reduzido.

Aaaa acho que devia ser mais desenvolvido visto que é um produto natural

...estas drogas leves que eu acho que não nos levam a grandes impactos sociais pelo menos na minha opinião e no meu meio gente que teve um bocadinho de informação e de educação manteve-se muito bem até aos dias de hoje...

Apenas um participante referiu que o consumo prolongado de canábis tem efeitos negativos.

(...) é uma droga cria dependência...

Início do Consumo

Esta categoria tem por objetivo perceber, segundo a opinião dos participantes, como se inicia, regra geral, o consumo de canábis.

É de referir que da amostra de dez participantes apenas três participantes iniciaram os seus consumos depois da maioridade. O participante que iniciou o seu consumo de canábis mais cedo fê-lo com catorze anos e o participante que iniciou o seu consumo mais tarde fê-lo com vinte e seis anos. Independentemente da razão apontada para o início dos seus consumos todos os participantes iniciaram os seus consumos acompanhados de amigos.

Uma grande maioria (386 ur) (n = 7) referiu os amigos e a pressão do grupo/pressão social como o motivo mais frequente de início do consumo.

...foi com um grupo de amigos, combinámos todos experimentar...

Aaaa a pressão social se calhar é o principal diria...

No meu caso em específico e prontos acho que também acontece com muita gente é as influências...

Apenas dois participantes referiram que tinham iniciado os seus consumos como forma de lidar com um estado depressivo.

Aaaa depressão, acho que depressão é o maior...

Aaaa o meu caso foi depressão. Eu em vez de ir a um psicólogo preferi automedicar-me a mim próprio...

Um outro participante referiu ainda que iniciou os seus consumos como uma forma de lidar com o stress e com os problemas do dia-a-dia.

Stress, querer fugir do mundo real basicamente...

Houve ainda outro participante que para além da pressão social identificou a curiosidade como uma das causas do início do consumo.

Ok, a pressão social será sem dúvida aaa esta segunda será a curiosidade...

Hábitos de Consumo

A presente categoria tem por objetivo conhecer melhor os hábitos de consumo dos participantes e perceber, do ponto de vista destes, como são os seus hábitos.

É de salientar que apenas três participantes consideraram os seus consumos irregulares.

Não é muito frequente, lá está é mesmo só em convívios com amigos... Irregulares, posso dizer irregulares... irregulares.

Metade dos participantes (519 ur) (n = 5) afirmam ter consumos diários, por vezes mais do que uma vez por dia.

De regularidade, aaaa bem eu fumo diariamente, várias vezes durante um dia...

Aaaa hoje em dia eu já fumo a regularmente (...) já fumo diariamente...

...eu por exemplo eu gosto de fumar todos os dias...

Qualificação do Consumo

Esta categoria tem como objetivo perceber como é que os consumidores qualificam os seus próprios consumos, tendo em conta os conceitos de “consumo problemático” e “consumo não problemático” como pólos opostos.

Apenas dois participantes relataram os seus consumos como sendo problemáticos, sobretudo devido ao tempo que dedicam aos mesmos.

Aaaa o meu consumo já esteve no num estado não problemático, mas neste caso já começa a ser problemático sim (...) devido a ver as coisas que perco nos tempos em que estou a fumar

...eu sinto que que preferia fumar menos não é portanto isso já acaba por ser algo negativo aaaa afeta bastante a produtividade eu só o faço nos tempos livres mas mesmo assim às vezes faço e depois fico tipo uau ok agora não vou fazer nada durante X horas porque tou com a cabeça como tiver...

Dos participantes que afirmaram os seus consumos como não problemáticos todos basearam esta consideração no facto de não verem afetado o seu dia a dia.

A o meu é não problemático (...) Portanto não no meu caso não interfere em nada.

Eu acho que não problemático mesmo pelo motivo que já disse, porque não é um consumo excessivo é um consumo que faço uma vez por outra de vez em quando, portanto não considero que seja problemático.

Existe ainda um participante que afirma que o seu consumo é benéfico e que na sua opinião não existe consumo problemático de canábis.

O meu consumo é benéfico não só não só na altura em que fumo e nas horas seguintes (...) Eu acho que simplesmente no que toca à canábis não há um consumo problemático.

Metade dos participantes que referem os seus consumos como não problemáticos (260 ur) (n = 4) referem utilizar estratégias para manter os seus consumos não problemáticos. Estas estratégias são as mais variadas tais como não ter canábis sempre na sua posse, controlar o dinheiro destinado ao consumo, afastar-se de certas companhias que fumam mais regularmente e autocontrolo.

Ooo muitas vezes aaa tento não adquirir a substância...

Não, é ver a minha conta, quando começa a descer demais paro

...pronto deixei de me dar tanto com as companhias com quem eu fazia basicamente regularmente...

Interferência Presente

Esta categoria tem por objetivo conhecer a interferência percebida do consumo continuado de canábis no dia a dia dos participantes.

No que diz respeito à interferência apenas um participante afirma que a interferência é apenas positiva pois fá-lo sentir mais feliz.

Na medida em que imagine que eu acordo de manhã e estou miserável, não me sinto bem, ao consumir canábis vai-me melhorar o dia...

Todos os outros participantes afirmam existir interferência fazendo sempre referência que quanto maior for a quantidade consumida maior é a interferência sentida pelos consumidores.

Mas há muitas pessoas que fumam depois o triplo ou o quadruplo e que ficam como vegetais e não conseguem trabalhar (...) alguém que fume aaa e que não esteja habituado a fumar a probabilidade de conseguir fazer a sua vida normal aaaa a sua vida normal a é menos provável do que alguém que por exemplo já seja um fumador mais assíduo e queee e que já saiba mais ou menos os seus limites...

Vários participantes (582 ur) (n = 6) referem efeitos negativos tais como maior lentidão, perda de motivação, diminuição das capacidades motoras e cognitivas, maior esquecimento, lapsos de memória e alterações de humor.

... é maioritariamente a ver com a perda da motivação para fazer ou mesmo a capacidade de fazer as tarefas que se propuseram para fazer para esse dia.

Tipo no raciocínio de alguém nas capacidades motoras, nas capacidades cognitivas de alguém, epá interfere, a bem ou mal interfere

Aaaa... pode ser influenciar em todos os campos, vida social, vida profissional, mais aspetos pode causar esquecimentos de coisas importantes...

Dois participantes afirmam que também pode existir a reação contrária, ou seja, uma maior ativação e brincadeira.

...há outras pessoas que ficam mais ativas e mexem-se e não param e brincam...

...outra basicamente é para te tipo de euforia.

É de salientar que um participante referiu sentir interferência específica quando envia vários e-mails seguidos e se estiver a fazer snowboard pois sente que o consumo, no seu caso, é incompatível com a realização destas tarefas.

...quando tenho que me deparar com essas duas situações então não fumo não vale a pena fumo quando chegar a casa à noite pronto (...) não dá, não rende, leio os e-mails de trás pa frente não escrevo epá não rende o trabalho.

Ainda dentro desta categoria é importante referir que um participante não se reportou apenas à interferência presente, mas mencionou também a interferência que sentiu no passado (70ur), referindo que na sua juventude fez alguns excessos sobretudo em contextos mais propensos à socialização.

...claro quer dizer tu às vezes tens excessos quando somos novos vamos para os concertos e fumamos drogas e tal ajuda não é.

Interferência Futura

Esta categoria tem por objetivo perceber o que é que os participantes supõem ser a interferência futura do seu consumo continuado.

Metade dos participantes (217 ur) (n = 5) não prevê que exista qualquer tipo de interferência futura.

No futuro penso que... não vai interferir não interferirá em nada porque eu não sou uma pessoa dependente.

Quer dizer no meu futuro não tem interferência nenhuma (...) continuo na mesma a fumar se me apetecer...

Dos restantes apenas um participante prevê que a interferência será positiva.

De uma forma positiva só, acho que abre mente, abre portas faz-nos ver o mundo de uma forma diferente.

Todos os outros preveem que a interferência poderá ser negativa nomeadamente referem que poderá aumentar a sua desmotivação e conseqüentemente diminuir a sua produtividade.

Aaa esse nível da produtividade sem dúvida aaa se e eu pelo menos sinto isso, há pessoas que se calhar até se sentem mais produtivas maas mas sinto-me muito pouco produtivo quando fumo.

...devido ao facto de fumar bastante estar sempre meio adormecido para a vida (...) portanto se continuar assim vai ser uma espiral por aí a baixo...

Um participante refere ainda medo de desenvolver uma adição à canábis e outro refere o fator monetário como um problema no futuro.

numa perspetiva de futuro pudesse colocar em causa existir algum problema de ficar mesmo de facto aaa adicto...

...devido óoo fator monetário que a quantidade que eu fumo é gastar bastante...

Cinco participantes referem ainda que gostariam de parar os seus consumos no futuro, dois por motivos de saúde, um por não querer a manutenção da interferência que sente nomeadamente em termos da motivação e no que diz respeito ao fator monetário, uma participante por querer ser mãe e outro participante por uma questão de valores pessoais.

Aaaaa se calhar pronto um bocado também se continuar o uso, a nível da motivação para fazer as tarefas...

... aliás num futuro sou capaz de parar quando quiser ser mãe...

... claro que sim porque é uma questão de valores.

Reação dos Outros

Nesta categoria o objetivo é compreender a perceção que os participantes têm da opinião de outros que lhes são relevantes (família e amigos) sobre os seus consumos.

Apenas um participante referiu que a família desconhece pois nunca partilhou esta situação com eles, outro participante afirma que a família tem conhecimento, mas mantém uma postura de fingir que não sabe e evitar a conversa.

Não sei, nunca disse diretamente, mas acredito que suspeitem às vezes.

... a minha mãe é daqueles casos deee “eu sei que tu sabes mas não falamos sobre isso”.

Todos os outros participantes (759 ur) (n = 8) afirmam que tanto família como amigos têm conhecimento dos seus consumos.

Uma grande maioria dos participantes (164 ur) (n = 6) refere ainda existir mais dificuldades de aceitação ou mesmo crítica por parte da família do que por parte dos amigos.

... a minha mulher aaaaaa tu sabes táva-me sempre a criticar.

Prontos a minha família como é normal não aceita...

Aaaa acho que ninguém fica feliz por saber que o seu familiar consome canábis...

Todos os participantes referem que a maioria dos amigos consome com eles e por isso aceitam os seus consumos.

Consumem comigo. Partilhamos mais ou menos da mesma opinião relativamente ao consumo e assim.

... os meus amigos lá está eles fazem-no comigo portanto também não me criticam...

Aaaa nos amigos não existe qualquer problema...

Apenas um participante referiu sentir mais crítica por parte dos amigos que não consomem.

... as pessoas que torcem mais o nariz são as pessoas que não consomem mas não quer dizer que sejam todas.

É ainda de salientar que apenas um participante refere que todos na sua vida sabem com exceção da mãe pois devido à idade não a quer preocupar.

A vamos lá ver toda a gente sabe menos a minha mãe (...) a minha mãe já tem oitenta, muito lúcida toda mexida (...) ela sabe lá o que é isso de marijuana e o catano portanto é a única pessoa que não sabe, só não lhe conto para não a desgastar tás a ver, agora por exemplo ela "Aí o meu filho!" ela já achava que eu sou um gajo atinado portanto portanto não vale a pena.

Visão do Próprio

Esta categoria tem por objetivo perceber a visão do próprio sobre os consumos e consumidores de canábis.

Todos os participantes referem que os consumidores são todos diferentes não havendo características comuns entre eles.

Uma pessoa, um grupo específico para pá aquele género de consumos é muito variado percebes é desde médicos, a professores, a doutores, a trolhas é tudo que possas imaginar.

Aaaa não acho que não sinceramente eu tenho amigos meus de todas as espécies e feitos mais diferentes às vezes de mim não poderiam ser e também consomem. Acho que isso vai mesmo de cada pessoa.

Três dos participantes manifestam considerar que a sociedade tem uma opinião errada sobre quem consome defendendo que não vivem para as drogas, mas sim que o fazem para relaxar e se divertir, um deles diz mesmo que o consumo é benéfico.

Aaaa acho que as pessoas hoje em dia têm muito estereótipo das pessoas que fumam serem toxicodependentes ou algo do género e eu acho que não é verdade, acho que algumas pessoas fumam, pelo menos eu falo no meu, pessoalmente eu fumo mais para relaxar.

...eu acho que a sociedade vê muito o consumidor de canábis como uma pessoa que(...) só quer da vida basicamente drogas o que eu não acho que seja necessariamente a verdade.

Outros três participantes defendem que apesar de não existir um consumidor típico pode haver parecenças entre os consumidores. Um deles defende que sobre o efeito da canábis os comportamentos e sintomas são semelhantes a quase todos os consumidores.

...mas apanha-se sempre alguns traços sim, como os olhos cansados, os olhos mais fechados a se ser mais propenso a rir-se a coisas estúpidas sem qualquer tipo de sentido.

Outro ainda defende que uma grande maioria dos consumidores tem em comum o uso de canábis como estratégia para lidar com o stress.

... acho que quando estás nervoso por alguma razão (...) quando a malta tá stressada procura um pouco esse calmante natural...

Existe ainda outro participante que defende que é possível que existam algumas parecenças ao nível do discurso, tendências políticas e tipo de música entre alguns consumidores de canábis.

... se visse a pessoa conseguiria identificar se a pessoa é fumadora ou não com 100% de certeza obviamente mas provavelmente pelo estilo, pelo tipo de musica que ouve pelo tipo de discurso que a pessoa tem também, tendências politicas provavelmente diria que seria possível identificar mas sem 100% de certeza como é obvio.

Um dos participantes afirma ainda que apesar de consumir não gostava isto lhe fosse associável pois reconhece não ser algo favorável à sua imagem sobretudo no dia em que for pai.

Epá não quero que seja algo associável a mim, não quero ser o gajo olha volta e meia fuma ganzas ainda por cima quando, se um dia tivesse filhos não é, não é uma coisa com a que o uma pessoa quer que seja associável a ela mais quando mais tendo filhos.

Legalização dos Consumos

Esta categoria tem por objetivo conhecer a opinião dos participantes sobre a legalização do consumo de substâncias psicotrópicas em especial a canábis.

Apenas metade dos participantes (n = 5) fizeram referência a esta categoria.

Um dos participantes refere ser a favor da legalização mediante consulta com psicólogo ou psiquiatra pois apesar de considerar a legalização benéfica é da opinião que existem pessoas que não lidam bem com os consumos e, portanto, que devia de existir uma espécie de triagem.

... eu não vejo mal que liberalizassem mas sabes uma coisa que encontrassem uma certa forma entre aspas uma consulta médica com um psicólogo uma consulta médica com um médico chamem-lhe o que quiserem (...) mas pelo menos uma ligeira conversa e uma ligeira abordagem aa para perceber a pessoa se vai lidar bem com aquilo...

Outro dos participantes defende a legalização como forma de eliminar o tráfico e tabelar os preços, defendendo que o consumo não traz qualquer consequência comparando com o álcool e com o tabaco que identifica como legais e no entanto, na sua opinião, são mais prejudiciais para a saúde.

... parece que as autoridades querem que continue o tráfico percebes, especialmente das drogas leves (...) já devia ser legalizado principalmente a canábis...

Existe ainda um participante que se manifestou a favor da legalização defendendo que o consumo deve ser uma opção individual que não deve ter interferência de terceiros.

... no âmbito do que tínhamos falado inicialmente a tal questão de ser uma opção individual não sinto que tenha de justificar aaaa essa situação a ninguém.

Um outro participante referiu também ser a favor da legalização.

Só acho que deviam legalizar a canábis, é a minha opinião.

Por último apenas um participante referiu ser contra a legalização do consumo de qualquer tipo de substância psicotrópica uma vez que apesar de consumir considera não ser positivo para a sua saúde.

A minha opinião, seria não sou não sou a pessoa que procura a legalização, não acho uma coisa tipo saudável porque como é uma droga cria dependência...

Discussão

Após a descrição detalhada dos resultados é necessária uma análise dos mesmos de forma a conseguir descrever as crenças que os consumidores de canábis de longa data têm face à substância psicotrópica (canábis) e ao seu consumo, tal como nos tínhamos proposto inicialmente.

Para tal é preciso recuar ao início dos consumos dos participantes. Referindo que dos dez participantes do estudo apenas três iniciaram os seus consumos com dezoito ou mais anos, sempre com o grupo de amigos e na grande maioria das vezes por pressão social/grupo. O que nos leva a inferir que na sua grande maioria o início dos consumos de substâncias psicotrópicas ocorre durante a adolescência e acompanhados de amigos possivelmente como uma maneira de se afirmarem no grupo de pares o que vai ao encontro dos estudos realizados na área (Carvalho, Lemos, Raimundo, Costa & Cardoso, 2007; Cruz, Machado & Fernandes, 2010; Lança, 2017). É ainda de referir que dois participantes destacaram como motivo de início dos seus consumos estados depressivos com os quais não sabiam lidar e para os quais não queriam pedir ajuda. Embora não tão comum como outros motivos, esta também é uma razão apontada na literatura para o início do consumo, uma vez que os consumidores reportam que o consumo de canábis consegue fazê-los esquecerem-se dos seus problemas, tal como referido num estudo de Johnstone O'Malley (1986) em que numa amostra 3500 alunos do último ano de 130 escolas secundárias, 22% reportaram terem iniciado os seus consumos como forma de lidarem com os seus problemas.

Aliado a isto é preciso referir que todos os participantes consideraram a canábis como uma das drogas mais “leves” e apenas um participante relatou a possibilidade de dependência e a existência de efeitos negativos no consumo a longo prazo, isto pode estar relacionado com as atribuições que os sujeitos fazem ao consumo de certas drogas, estudos apontam que os consumidores de canábis tendem a ver os seus consumos como menos nocivos do que os consumos de outras substâncias, tornando a canábis gradualmente mais aceite pela sociedade facto este que podemos verificar nos resultados (Cruz, Machado & Fernandes, 2010; Leite, 2015).

No que diz respeito aos seus consumos, apesar de metade dos participantes terem assumido consumos diários, por vezes várias vezes por dia, apenas dois participantes consideraram os seus consumos problemáticos devido ao tempo que dedicam aos mesmos. O tempo dedicado ao consumo e sobretudo o afetar de diversas áreas da vida do sujeito são

precisamente fatores descritos na literatura como sendo fatores de identificação de consumo problemático. Este tipo de consumo pode estar relacionado não com uma dependência física, mas com uma dependência psicológica que passa muitas vezes despercebida durante muito tempo devido à forma rotineira como são realizados (Bernardo & Carvalho, 2012; Ribeiro, 2019). No entanto, a grande maioria dos participantes considera que os seus consumos não são problemáticos devido ao facto de estes, na sua opinião, não afetarem o seu dia-a-dia e serem controláveis. Para tal, vários participantes referiram o uso de estratégias para controlarem os seus consumos, entre as quais o controlo do acesso à substância ou ao dinheiro gasto na mesma. Este facto vai ao encontro da literatura que refere que consumo não problemático é precisamente aquele em que o sujeito “controla”, ainda que por vezes de forma inconsciente, o uso da substância, não permitindo que esta tenha um papel central na sua vida ainda que possa existir um consumo regular este consumo é controlado de forma a evitar constrangimentos para a vida do sujeito (Ribeiro, 2019; Cruz & Machado, 2010; Cruz, Machado & Fernandes, 2010; Pires, 2019). Assim sendo é interessante perceber que todos os participantes, embora sem conhecimento específico na área, evocam os mesmos aspetos para a qualificação de um consumo como problemático ou não que se utilizam nas ciências psicológicas. Em particular no caso dos indivíduos com consumos não problemáticos, estes aspetos são mesmo usados como estratégias de autogestão, o que se relaciona exatamente sobre a capacidade de controlo sobre uma substância ou atividade e, portanto, com a distinção entre uso e abuso.

No seu dia-a-dia, a maioria dos participantes refere que sente maior lentidão, perda de motivação, diminuição das capacidades motoras e cognitivas, maior esquecimento, lapsos de memória e alterações de humor, sendo estes efeitos mediados pela quantidade de canábis consumida, ou seja, quanto maior for a quantidade consumida maiores serão os efeitos negativos sentidos. Estes resultados não são consensuais na literatura. De facto, existem estudos que apontam efetivamente para a diminuição de capacidades cognitivas, com alterações ao nível da memória, motivação e concentração, bem como maiores níveis de stress e ansiedade de que são exemplo os estudos de Vasconcelos-Raposo e colaboradores (2018) e Barrona (2017). No entanto, existem, por outro lado, estudos que indicam precisamente o contrário, chegando à conclusão de que consumidores regulares de canábis melhoram significativamente a sua memória e concentração (Haney et al., 1999, citados por Aguiar, 2020). No entanto, e embora nenhum dos participantes refira melhorias ao nível da memória, um dos participantes refere uma interferência positiva ao nível do seu bem-estar, mais concretamente aumentando o seu sentimento de felicidade. São ainda referidos, por dois participantes, efeitos completamente

contrários aos descritos anteriormente, tais como mais ativação e euforia. Pelo que os resultados obtidos são discrepantes ao nível da interferência que os consumidores de longa duração sentem no seu dia-a-dia. É, no entanto, importante refletir sobre as perdas cognitivas relatadas com o tempo, uma vez que estas perdas podem estar relacionadas com um envelhecimento normativo e não necessariamente com o consumo de canábis.

Achamos ainda importante salientar que apenas um participante relatou interferência passada do consumo, nomeadamente o mais velho da amostra, com sessenta e seis anos, referindo-se à sua adolescência como um período de mais excessos com os quais agora já não se identifica. Esta situação pode ser explicada pelo facto de a adolescência ser efetivamente um período de mais excessos e de procura de novas sensações, que tendem a abrandar com o início da idade adulta, onde este tipo de comportamento deixa de ser reforçado pelos pares. Tendo em conta a distância temporal entre a sua adolescência e a sua idade atual, este participante pode ter sentido a necessidade de relatar estes excessos, por ter desenvolvido um pensamento crítico em relação a esses comportamentos que a maioria dos participantes, por estarem ainda no início da idade adulta, não tenham ainda desenvolvido, uma vez que o pico do consumo desta substância se dá precisamente na idade adulta (Moffitt & Caspi, 2001; Lança, 2017).

Já no que diz respeito à interferência que os participantes perspetivam que o consumo poderá vir a ter na sua vida tendo em conta os efeitos que sentem atualmente, metade dos participantes refere sentir vontade de deixar o consumo no futuro. Isto sobretudo devido ao receio de que o consumo possa vir a interferir no seu dia-a-dia, nomeadamente com o aumento da desmotivação e o respetivo impacto na sua vida laboral, bem como pela discriminação social que sentem estar subjacente aos seus consumos, sobretudo quando associado à parentalidade (Buckner, Ecker & Cohen, 2010; Hathaway, 2004). No entanto, a outra metade refere que não prevê qualquer tipo de interferência futura, o que pode estar relacionado com o facto de a maioria dos indivíduos não reconhecer qualquer risco físico e/ou mental de um consumo regular de substâncias psicotrópicas (SICAD, 2018).

No que diz respeito à discriminação social relatada pelos participantes esta é mais sentida no que diz respeito à família do que ao grupo de pares, sendo a família apontada por seis participantes como mais crítica dos seus consumos do que os grupos de pares. Isto vai ao encontro da literatura, por exemplo o estudo qualitativo de Hathaway (2004), levado a cabo com 104 sujeitos com idades compreendidas entre os dezoito e os cinquenta e cinco anos, que relata que 66% dos sujeitos referiram esconder os seus consumos de alguém, e desses 34%

afirmou esconder os seus consumos dos pais, apontando razões como, ‘os pais serem “demasiado velhos” para conseguirem compreender’, ou ‘quererem evitar a discriminação social’. Dentro do grupo de pares os consumos são geralmente mais aceites, no entanto, parece-nos importante salientar que um participante relata sentir maior crítica por parte dos pares que não consomem do que dos que consomem. Este facto também vai ao encontro da literatura que confirma que a maioria dos consumidores prefere manter o seu consumo privado e sobretudo escondido de outros que não consomem ainda que sejam amigos, sobretudo para evitar o estigma social ou até mesmo problemas legais (Hathaway, 2004; Cruz, Machado & Fernandes, 2010). Esta discriminação social para com os consumidores de drogas ilícitas é ainda reforçada no trabalho de Gomes (2006) que afirma que uma grande parte da sociedade portuguesa vê os consumidores como “pessoas com um problema de saúde relacionado com a dependência química deste tipo de substâncias”. Isto é consistente com a perceção que os participantes têm sobre o que a sociedade no geral pensa sobre eles “...eu acho que a sociedade vê muito o consumidor de canábis como uma pessoa que só quer da vida basicamente drogas”. Provavelmente devido ao forte estigma social ainda vigente, um participante refere inclusive que não gostava que o consumo lhe fosse associável sobretudo um dia que seja pai, pois sente que estaria a dar um mau exemplo, demonstrando aqui alguma discrepância entre o seu comportamento e os seus valores morais (Shiner & Newburn, 1997).

No que diz respeito a existirem características comuns entre os consumidores de canábis, todos os participantes estão de acordo afirmando não existirem características comuns, podendo tratar-se de qualquer pessoa. De facto, estudos apontam para cada vez mais consumidores “socialmente competentes”, sendo cada vez mais comum o consumo de canábis por “cidadãos convencionais” (Cruz & Machado, 2010; Cruz, Machado & Fernandes, 2010).

Por último no que diz respeito à legalização dos consumos recreativos apenas metade da amostra se pronunciou. Destes, todos concordam com a legalização da canábis para fins recreativos, com exceção de um participante que considera que não será benéfico. Num estudo levado a cabo por Hathaway (2004), 37% dos entrevistados afirmaram que o consumo de canábis se revelou o princípio da sua curiosidade sobre drogas, servindo de “porta de entrada” para outros consumos, o que pode originar a ideia de que a legalização da canábis para fins recreativos poderá originar futuramente problemas de saúde pública, o que vai ao encontro da preocupação referida pelo participante. No entanto, segundo um estudo levado a cabo por Hughes e Stevens (2010), em Portugal, nos anos que se seguiram à descriminalização do consumo de canábis no país, o consumo problemático de drogas, sobretudo no que diz respeito

ao consumo intravenoso, diminuiu. Pelo que, segundo os mesmos autores, após a descriminalização da canábis para uso recreativo não houve um aumento de problemas de saúde pública, mas pelo contrário houve uma diminuição.

Dos participantes a favor da legalização achámos importante destacar dois. Um participante justificou a legalização com a possibilidade de um melhor controlo do tráfico de modo a existir uma tabela de preços e um controlo da qualidade do produto. De facto, vários autores referem que leis proibicionistas não têm diminuído os consumos, mas, pelo contrário, colocam os consumidores em maiores riscos, como por exemplo adulteração das substâncias psicotrópicas (Ribeiro, 2019; Aguiar, 2020). Num estudo qualitativo levado a cabo por Hathaway (2004), 63% dos entrevistados foram mais longe e referiram estar a considerar plantar canábis eles próprios, como forma de controlar a qualidade e oferta do que consomem fazendo também uma contenção de custos. O outro participante, embora manifestando-se a favor da legalização, fê-lo afirmando que de facto o consumo de canábis não é para todos e que por isso mesmo deveria existir uma espécie de “triagem” dos consumidores para impedir problemas de maior. De facto, apesar de existirem relatos de consumos problemáticos de canábis, a verdade é que uma grande parte dos consumidores faz consumos considerados não problemáticos. Estes consumidores não problemáticos caracterizam-se pelo facto de, ainda que por vezes possa ser de forma inconsciente, usarem mecanismos de autorregulação e minimização de danos, regulando os seus consumos sem ajuda externa de forma que estes não colidam com as suas responsabilidades diárias (Cruz, Machado & Fernandes, 2010; Pires, 2019).

Em suma, através desta investigação foi possível perceber que a grande maioria dos consumidores de canábis inicia os seus consumos durante a adolescência, com o grupo de pares e por pressão social/de grupo, regra geral como uma forma de se afirmarem no grupo de pares, o que vai ao encontro do relatado na literatura. Verificámos também que uma grande maioria dos consumidores considera que os seus consumos não são problemáticos e não têm interferência no seu dia-a-dia, sendo os próprios a fazer o controlo destes consumos através de estratégias como o controlo do dinheiro gasto na substância por exemplo estipulando uma quantia certa por mês para gastar com a aquisição de canábis, ou o controlo da posse da mesma. Apesar de vários estudos na área referirem que o consumo de canábis tem vindo a ser considerado mais comum na sociedade em geral, vários participantes continuam a referir sentir que existe um estigma associado ao consumo de canábis, sobretudo no que diz respeito às suas famílias que referem ser críticas deste seu comportamento. Já no que diz respeito à opinião dos

participantes sobre a legalização do consumo recreativo de canábis, em Portugal, todos os participantes são a favor desta legalização, apontando as medidas proibicionistas como mais promotoras de risco para os consumidores e por outro lado pouco eficazes na sua tentativa de impedir o aumento do consumo. Na verdade, esta perceção confirma-se nos dados do Relatório Anual de 2018 referente à Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependência, onde o consumo de canábis é destacado como um dos consumos que mais tem aumentado na população portuguesa. Aliado a isto, as medidas proibicionistas, na opinião dos participantes aumentam o risco de consumir substâncias adulteradas por falta de controlo sobre o “produto” adquirido, o que vai ao encontro da literatura.

Tendo em conta que já este ano o Bloco de Esquerda levou ao parlamento um projeto de lei (projeto de lei nº859/XIV/2ª) onde pretende legalizar o consumo de canábis para fins recreativos, combatendo o tráfico e regulando o consumo, parece-nos que a nossa investigação ganha ainda mais relevância pois dá voz aos consumidores.

No entanto o nosso estudo tem algumas limitações, nomeadamente o número reduzido de participantes (apenas dez) e o facto de estes participantes serem apenas de duas zonas do país (Grande Lisboa e Grande Porto). É ainda de salientar que devido à pandemia provocada pelo vírus SARS-COV 2 não foi possível realizar as entrevistas presencialmente, pelo que foi mais difícil controlar o contexto onde as mesmas foram realizadas.

Assim sendo consideramos que relativamente a projetos futuros seria importante realizar a mesma investigação com um número mais alargado de participantes de preferência de todos os distritos do país, procurando desta forma alcançar dados mais significativos. A concretizar-se o projeto de lei proposto consideramos também que seria importante acompanhar a evolução dos consumos após a legalização dos mesmos.

No entanto e independentemente de existir uma futura alteração à legislação ou não, consideramos pertinente a continuação dos estudos nesta área, nomeadamente a partir dos contributos dos seus atores de forma a poder intervir em futuras situações consideradas como problemáticas ou até mesmo de forma a identificar as necessidades/fragilidades onde seja necessária intervenção psicológica ou ao nível da saúde.

Referências Bibliográficas

- Aguiar, A. (2020). Uso não-problemático de drogas em Portugal– a lei e as experiências dos utilizadores (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Porto.
- Bardin, L. (1994). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70
- Barrona, J. (2017). Psicose e Consumo de Canábis: Causa, Consequência ou Coincidência? (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Bernardo, M. & Carvalho, M.C. (2012). O significado do uso de drogas no discurso de jovens consumidores portugueses. *Health and Addictions / Salud y Drogas*, 12, (2), 227-252.
Disponível em: [O significado do uso de drogas no discurso de jovens consumidores portugueses.pdf \(ucp.pt\)](#)
- Buckner, J. D., Ecker, A. H., & Cohen, A. S. (2010). Addictive Behaviors Mental health problems and interest in marijuana treatment among marijuana-using college students. *Addictive Behaviors*, 35(9), 826–833.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2010.04.00>
- Calado, V. G. (2007). Trance psicadélico, drogas sintéticas e paraísos artificiais. Representações: uma análise a partir do ciberespaço. *Revista Toxicodependências*, 13(1), 21-28. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Vasco-Calado/publication/237357229_TRANCE_PSICADELICO_DROGAS_SINTETICAS_E_PARAISOS_ARTIFICIAIS_REPRESENTACOES_UMA_ANALISE_A_PARTIR_DO_CIBERESPACO/links/586b865308ae6eb871bb49a0/TRANCE-PSICADELICO-DROGAS-SINTETICAS-E-PARAISOS-ARTIFICIAIS-REPRESENTACOES-UMA-ANALISE-A-PARTIR-DO-CIBERESPACO.pdf
- Carvalho, A., Lemos, E., Raimundo, F., Costa, M., & Cardoso, F. (2007). Caracterização do consumo de substâncias psicoactivas numa população escolar. *Revista TOXICODPENDÊNCIAS*, 13(3), 31–36
- Carvalho, M.C. (2008). Guião de História de Vida e Usos de Drogas. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. (não publicado).
- Coelho, S. (2019). Vidas “agarradas”: Pessoas com adições e o projeto Aproximar (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga.

Cruz, O. S., & Machado, C. (2010). Consumo “não problemático” de drogas ilegais. *Revista Toxicodependências*, 16, 39–47. Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/49621/1/Cruz%20et%20al%202010_Co_nsumo%20n%c3%a3o%20problem%c3%a1tico_toxicodependencias.pdf

Cruz, O., Machado, C., & Fernandes, L. (2010). Consumo “Não Problemático” de Drogas Ilícitas: Experiências e Estratégias de Gestão dos Consumos numa Amostra Portuguesa. *Atas Do VII Simpósio Nacional de Investigação Em Psicologia*, 3174–3188.

Fernandes, L. (1995). O sítio das drogas: Etnografia urbana dos territórios psicotrópicos. *Revista Toxicodependências* (2), 22-31. Disponível em: [84118.pdf \(up.pt\)](#)

Fernandes, L. (2009). O que a droga faz à norma. *Revista Toxicodependências*, 1, pp.3-18. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56446/2/84288.pdf>

Fonte, C. & Manita, C. (2003). Consumos de Drogas em Estudantes da Universidade do Minho: Construções de Significados. *TOXICODPENDÊNCIAS*, volume 9 (3), 61-74.

Disponível

em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8020/1/Fonte%20e%20Manita%202003.pdf>

Gomes, M. C. (2006). Modos de Percepção das Drogas em Portugal: resultados preliminares. *CIES*, (18).

Hathaway, A. D. (2004). Cannabis users: informal rules for managing stigma and risk.

Deviant Behavior, 25(6), 559–578. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/01639620490484095>

Hughes, C., & Stevens, A. (2010). What can we learn from the portuguese decriminalization of illicit drugs?. *British Journal of Criminology* 50, 999-1022. DOI:10.1093/bjc/azq038

Johnston, L. D., & O’Malley, P. M.

(1986). Why do the Nation’s Students Use Drugs and Alcohol? Self

Reported Reasons From Nine National Surveys. *The Journal of Drug Issues*, 16(1), 29–66 [sci-hub.st/10.1177/002204268601600103](https://doi.org/10.1177/002204268601600103)

Lança, F. (2017). Padrões de Consumo de Canábis (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Leite, A. (2015). O último espectador da consciência: Perceção de risco em jovens consumidores de substâncias psicoativas (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Moffitt, T. & Caspi, A. (2001). Childhood predictors differentiate life-course persistent and adolescence-limited antisocial pathways among males and females. *Development and Psychopathology*, 13, 355–375. Disponível em: [Childhood predictors differentiate life-course persistent and adolescence-limited antisocial pathways among males and females \(otago.ac.nz\)](http://www.otago.ac.nz/childhood-predictors-differentiate-life-course-persistent-and-adolescence-limited-antisocial-pathways-among-males-and-females)
- Negreiros, J. (2000). As acções de prevenção do abuso de drogas em Portugal: apreciação crítica e perspectivas para o futuro. *Educação para a Saúde*. Disponível em: [82995.pdf \(up.pt\)](#)
- Pinto, A. (1999). Problemas de Memória nos idosos: Uma revisão, 3 (2), 253-295. Disponível em: [83735.pdf \(up.pt\)](#)
- Pires, L. (2019). Consumos e consumidores de cannabis: experiências, significados e estratégias de autorregulação (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Quintas, J. (1997). Drogados e consumos de drogas: análise das representações sociais (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Rêgo, X., Oliveira, M., Lameira, C., & Cruz, O. (2021) 20 years of Portuguese drug policy - developments, challenges and the quest for human rights. *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 16 (59), 1-11. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13011-021-00394-7>
- Ribeiro, R. (2019). Representações acerca da Cannabis: Um estudo qualitativo em estudantes universitários (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Ritchie, J. & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Sage. Cap. VI: In-depth Interviews
- SICAD. (2018). *Relatório Anual 2018 A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependência*. Disponível em: http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/162/RelatorioAnual2018ASituacaoDoPaisEmMateriaDeDrogas_eToxicodependencias.pdf
- Silva, G., Pereira, C., & Pinto, M. (2021). “Drugs are a taboo”: a qualitative and retrospective study on the role of education and harm reduction strategies associated with the use of

psychoactive substances under the age of 18. *Harm Reduction Journal*, 18 (34), 1-10. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12954-021-00481-9>

Shiner, M., & Newburn, T. (1997). Definitely, maybe not? The normalisation of recreational drug use amongst young people. *Sociology*, 31(3), 511–529

Vasconcelos-Raposo, J., Couto, S., Formiga, N., & Teixeira, C.M. (2018). Consumo de Canábis: craving e a relação com ansiedade, stresse e depressão. *Actualidades en Psicología*, 32 (125), 1-18. DOI: <https://doi.org/10.15517/ap.v32i125.28380>

Anexos

Anexo I – Guião de Entrevista

Gostaria desde já de agradecer a sua colaboração. A entrevista que lhe vou fazer está dividida em duas partes, uma primeira parte em que gostaria que me falasse um bocadinho sobre si e uma segunda parte em que lhe farei algumas perguntas nomeadamente sobre os seus hábitos de consumo de drogas. Sempre que não perceber alguma coisa sinta-se à vontade para dizer e lembre-se que o importante aqui é a sua opinião, não existem respostas certas nem erradas.

- Para iniciar esta conversa poderia então falar-me um bocadinho sobre si (idade, género, profissão, habilitações)

- Qual a sua opinião em relação ao consumo de drogas no geral?

- E em relação ao consumo de canábis em particular? (no caso do uso recreativo)

- Na sua opinião quais serão as principais razões que podem levar ao início do consumo de canábis?

- Haverá um consumidor de canábis típico, ou seja, haverá características comuns entre os consumidores de canábis? (quais as características?)

- Pensando no início dos seus consumos, com que idade o fez, com quem, quem teve a iniciativa, em contexto?

- Na atualidade, em que contextos costuma consumir?

- O que o leva a manter os consumos de canabis?

- Na sua opinião o consumo de canábis pode ter interferência no dia a dia de quem a consome?

- Se sim, em que medida interfere?

- Como definiria os seus hábitos de consumo? (frequência)

- Nesta área é frequente usar os termos problemático ou não problemático quando nos referimos ao consumo de drogas, neste caso em particular de canábis, como polos opostos. Tendo isto em conta como definiria o seu consumo? Nesse caso usa alguma estratégia para manter o seu consumo não problemático? No caso problemático porque é que interpreta assim?

- A sua família ou amigos têm conhecimento dos seus consumos? (ambos?)
 - Se sim, como definiria a atitude deles perante os mesmos?
- Pensando no futuro, em que medida considera que o consumo de canábis poderá ter interferência na sua vida?
- Há pessoas que interrompem os seus consumos em determinado marco de vida, por exemplo ter filhos, constituir família... Tendo isto em conta pretende manter os seus consumos de canábis? Porquê?
- Quer acrescentar alguma coisa que eu não tenha perguntado e que considere importante para o que estivemos a falar?

Pedia-lhe então que caso conhecesse mais alguém com consumos de canábis com mais de vinte que pudesse estar disposto a colaborar com esta investigação que nos pusesse em contacto. Agradeço mais uma vez a sua colaboração.

Anexo II – Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Psicologia Forense, do ISPA-IU, está a ser desenvolvida pela aluna Rute Silva uma investigação sobre a orientação da Prof. Doutora Andreia de Castro Rodrigues, que tem por objetivo conhecer as crenças que os consumidores de canábis têm face à substância psicotrópica e ao seu consumo. Para tal serão realizadas perguntas referentes aos seus consumos de canábis e também breves perguntas sociodemográficas não sendo nunca possível identifica-lo através destas, garantindo-se total confidencialidade e anonimato. A entrevista será realizada de forma individual.

A sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que tenha de fornecer qualquer justificação ou daí advenha qualquer consequência.

Para fins de investigação e posterior análise as entrevistas serão gravadas em formato áudio podendo apenas ser ouvidas pela aluna supracitada bem como pela orientadora da investigação. Na transcrição das mesmas para texto serão apagados quaisquer dados que o possam identificar. As gravações serão mantidas em local seguro durante cinco anos e posteriormente apagadas.

Caso tenha interesse em esclarecer alguma dúvida ou queira receber posteriormente os resultados globais do estudo pode entrar em contato através do e-mail: rutemoreirasilvaa@gmail.com.

Declaro que tomei conhecimento acerca da natureza do estudo e aceito livre e voluntariamente participar nesta entrevista.

Assinatura do Participante

Anexo III – Tabela de Categorias

Objetivo	Categorias
Definir Amostra	- Idade
	- Sexo
	- Habilitações
	- Profissão
Conhecer as Crenças Relativas ao Consumo	- Crenças relativas ao consumo no geral
	- Crenças relativas à canábis em particular
Conhecer os Padrões de Consumo	- Início do Consumo
	- Hábitos de Consumo
	- Qualificação do consumo
	<ul style="list-style-type: none">• Problemático• Não Problemático
Percepção da Interferência do Consumo na Vida de Quem Consome	- Interferência presente
	- Interferência futura
Perceber o Impacto Social dos Consumos	- Reação dos outros
	- Visão do próprio
	- Legalização do Consumo
	- Conteúdos Paralelos